

Local: Uma Maternidade e zonas circundantes

PRIMEIRA VOZ:

Possuo a lentidão do mundo. Espero pacientemente
Que o meu tempo se escoe, o sol e as estrelas observando-
-me atentamente.

A preocupação da lua é mais íntima:

Passa e volta a passar luminosa como uma enfermeira.
Será que lamenta o que está prestes a acontecer? Não me
parece.

É apenas o espanto perante a fertilidade.

Quando eu sair daqui, serei um acontecimento notável.

Não vale a pena preocupar-me ou sequer ensaiar.

O que me está a acontecer, seguirá o seu curso naturalmente.

O faisão está de pé na montanha;

Exibe as suas penas castanhas.

Não posso deixar de sorrir ao pensar no que sei.

As folhas e as pétalas esperam-me. Estou pronta.

SEGUNDA VOZ:

Quando a vi pela primeira vez, aquela pequena mancha
avermelhada, não queria crer nos meus olhos.
Observei os homens que andavam à minha volta no
escritório. Como eram vazios!
Pareciam figuras de papelão, e de repente eu senti-me
contaminada,
Esse imenso, imenso vazio de onde desfilam ideias,
destruições,
«Bulldozers», guilhotinas, câmaras lívidas de horror,
Desfilando infinitamente — e os anjos gélidos, as abstracções.
Sentei-me à secretária com as minhas meias de seda, os
meus sapatos de salto alto,

E o homem para quem trabalho riu-se: «Viu algum fantasma?
De repente ficou tão branca.» E eu não disse nada.
Vi a morte nas árvores desfolhadas, o vazio total.
Não podia crer nos meus olhos. Será assim tão difícil
Ao espírito conceber um rosto, uma boca?
As letras têm origem nestas teclas pretas e estas teclas
pretas têm origem
Nos meus dedos alfabéticos, os elementos que sustentam a
ordem,

Elementos, pedaços, coágulos, múltiplos luminosos.
Sinto-me morrer aqui sentada. Perco a dimensão de mim.
Combóios zunem nos meus ouvidos, partidas, partidas!
O caminho prateado do tempo desvanece-se no longe.
O céu branco esvazia a sua promessa, como uma taça.
Estes são os meus pés, os meus ecos mecânicos,
Toc, toc, toc, pegadas de aço. Dão pela minha falta.

Esta é uma doença que eu trago para casa, é uma morte.
Repito, é uma morte. Será do ar,
Das partículas de destruição que sorvo? Serei um pulso que
Aos poucos vai desfalecendo ao aproximar-se o anjo gélido?
Será então este o meu amante? Esta morte, esta morte?
Em criança afeiçoei-me a um nome, corroído pelo líquen
Será então este o meu pecado, este cego amor pela morte?

TERCEIRA VOZ:

Lembro-me do minuto em que tive a certeza.
Os salgueiros estavam gélidos,
A face no lago era bela, mas não era a minha —
Tinha um ar de circunstância, como tudo o resto,
E em todo o lado eu via perigos: pombas e palavras,
Estrelas e chuvas douradas — concepções, concepções!
Lembro-me de uma asa branca e fria

E de um enorme cisne, de olhar aterrador,
Vindo em direcção a mim, como uma torre, do cimo do rio.
Em todo o cisne há uma serpente.
Ele deslizou junto de mim; tinha um olhar carregado de
ameaças.
Vi nele o mundo — pequeno, mesquinho, ameaçador,
A mais pequena palavra dependente da mais pequena
palavra, o gesto do gesto.
Um dia quente e azul que tinha brotado.

Eu não estava preparada. As núvens brancas que se formavam
Arrastavam-me em todas as direcções.
Eu não estava preparada.
Não sentia qualquer fervor.

Pensava que podia negar as consequências —
Mas era demasiado tarde para isso. Era demasiado tarde e
a face
Ía ternamente tomando forma, como se eu estivesse preparada.

SEGUNDA VOZ:

O mundo está coberto de neve agora. Não estou em casa.
Como são alvos estes lençóis. As faces não têm expressão.
São atrevidas e insuportáveis como as faces dos meus
filhos,
Esses pequenos irritantes que me escapam dos braços.
As outras crianças não me tocam: são terríveis.
Têm demasiada cor, demasiada vida. Não ficam quietas,
Quietas como este vazio que carrego dentro de mim.

Tive várias oportunidades. Tentei vezes sem conta.
Cosi a vida dentro de mim como um órgão precioso,
E caminhei precária e cautelosamente como se fosse etérea.
Tentei não pensar demais. Tentei ser natural.
Tentei ser cega no amor, como outras mulheres,
Cega na minha cama, com o meu cego amante,
Sem procurar, na espessa escuridão, a outra face.

Não a procurei. Mas ela estava aí,
A face do que não tinha nascido e amava as suas perfeições,
A face do que jazia morto e que só encontraria a perfeição
Na sua tranquila paz, só assim se manteria sagrado.
E havia também outras faces. As faces das nações,
Dos governos, parlamentos, sociedades,
Os rostos sem vida dos homens importantes.

São estes os homens que não suportam:
Têm tanta inveja de tudo aquilo que não é raso! São deuses
invejosos
Que gostariam que o mundo inteiro fosse raso, porque eles
o são.
Vejo o Pai a conversar com o Filho.
Tal displicência não pode senão ser sagrada.
«Vamos fazer um céu», dizem.
«Vamos arrasar tudo e sacudir a espessura destas almas».

PRIMEIRA VOZ:

Estou calma. Estou calma. A calma que se sente antes
duma catástrofe:
O minuto gélido antes do vento entrar, quando as folhas se
reviram
E mostram a sua palidez. Está tudo tão calmo aqui.
Os lençóis, as faces lívidas e mudas, como relógios.
Vozes que se afastam e esmorecem ao longe. Os seus
hieróglifos
Transformam-se em biombos de pergaminho lutando contra
o vento.
Os segredos que se pintam em árabe e chinês!

Estou muda e escura. Sou uma semente prestes a explodir.
A escuridão vem do meu eu morto e é taciturna:
Não deseja ser mais, ou diferente.
O crepúsculo cobre-me de azul, agora, qual Maria.
Ó cor da distância e do esquecimento! —
Quando virá o momento em que o Tempo pare
E a eternidade o devore, e eu me afogue irremediavelmente?